



MÉTODOS QUANTITATIVOS APLICADOS À RELIGIÃO E SEUS FENÔMENOS

QUANTITATIVE METHODS APPLIED TO
RELIGION AND ITS PHENOMENA

Josemar Jeremias Bandeira de Souza ¹⁶⁷

¹⁶⁷ Graduado em Administração pela UFPB, Mestre em Filosofia pela UFPB. Doutorando em Administração pela UFPB.

RESUMO

O propósito desse artigo é mostrar que os métodos quantitativos são apropriados para a investigação das religiões e dos fenômenos a elas associados. Respondemos a três grandes objeções ao uso de métodos quantitativos no campo dos estudos da religião: 1) que a religião é complexa demais para ser classificada e medida; 2) que os métodos quantitativos são simplificadoros e empiristas demais para serem usados dentro de uma estrutura epistemológica não-positivista; e, 3) que a religiosidade é muito dependente do contexto e sensível ao erro de medição para ser quantificada de forma confiável. O método utilizado foi o da pesquisa bibliográfica, trazendo além da argumentação lógica o amparo comparativo com ciências essencialmente subjetivas, similares à teologia e ciências da religião, tais como psicologia e sociologia. As conclusões apontam para a ideia de que os métodos quantitativos são apropriados para os estudos da religião e dos seus fenômenos assim como apresenta recomendações para os iniciantes nesse tipo de investigação.

PALAVRAS-CHAVE

Métodos quantitativos, estatística, epistemologia, religião.

ABSTRACT

The purpose of this article is to show that quantitative methods are appropriate for the investigation of religions and the phenomena associated with them. We respond to three major objections to the use of quantitative methods in the field of religion studies: (1) that religion is too complex to be classified and measured; 2) that quantitative methods are too simplistic and empiricist to be used within a non-positivist epistemological structure; and, 3) that religiosity is very context dependent and sensitive to measurement error to be quantified reliably. The method used was that of bibliographical research, bringing beyond logical argumentation the comparative support with essentially subjective sciences, similar to theology and the sciences of religion, such as psychology and sociology. The conclusions point to the idea that quantitative methods are appropriate for the study of religion and its phenomena, as well as recommendations for beginners in this type of research.

KEYWORDS

Quantitative methods, statistics, epistemology, religion.

1. INTRODUÇÃO

Os métodos quantitativos – considerando o conceito técnico apresentado no decorrer do artigo – estão ausentes de grande parte das pesquisas teológicas mais atuais no Brasil. Uma análise bibliométrica longitudinal, realizada com periódicos brasileiros indexados nos extratos A1 e A2 da área de Ciências da Religião e Teologia, mostra que nos últimos 5 anos (2014-2019) nenhuma pesquisa de cunho quantitativo foi publicada nesta área. No entanto, esses mesmos periódicos incorporaram temas que carecem, além das excelentes análises qualitativas já realizadas, de análises quantitativas bem definidas para que se possa mensurar efeitos, causas e intensidade de fenômenos como os descritos por Paixão, Cavalcante e Paixão (2018) ao “observar os efeitos da religião na formação social de jovens de ensino médio das escolas de ensino médio de Santa Teresa, ES” (p. 5) ou de Moniz (2017) ao investigar diversas categorias de secularização.

É mister compreender que trabalhos que analisam amostras, pretendendo explicar ou descrever um fenômeno populacional como ocorre no trabalho de Paixão, Cavalcante e Paixão (2018) ou, ainda, trabalhos que pretendam categorizar elementos de ocorrência populacional com a finalidade de realização de comparações (seja entre grupos ou entre categorias) como no exemplo de Moniz (2017), ambos publicados em revistas de estrato A1, têm natureza essencialmente quantitativa, embora possam evidentemente, ser estudados com métodos qualitativos, como efetivamente foi feito, desde que claramente almejem outro propósito que não seja a generalização das suas conclusões para uma população.

As pesquisas cuja natureza de suas variáveis, ou da relação entre elas, está vinculada a descrições populacionais, medições amostrais, comparações entre grupos e/ou categorias, análise de influência de fenômenos sobre populações, culturas, atitudes, descrições de comportamentos coletivos, enfim, pesquisas que buscam aferições quantitativas devem ser tratadas no âmbito dos métodos quantitativos (PATTEN; NEWHART, 2017; NARDI, 2018). Ciências, cuja natureza geral é essencialmente

subjetiva, tais como psicologia e sociologia, apenas a título de exemplo, utilizam larga e frequentemente métodos quantitativos para explicar fenômenos de abrangência populacional dentro de suas respectivas áreas, como nos trabalhos de Magalhães (2013); Antunes, Silva e Oliveira (2018); Costa et al (2018).

Nesse artigo, pretendemos mostrar que os métodos quantitativos, assim como são úteis para a psicologia e a sociologia, são, também, adequados para a investigação das religiões e dos seus fenômenos associados. Para isso, apresentamos um conceito de métodos quantitativos, uma defesa da sua aplicação para a explicação da religião; e, por fim, fazemos algumas recomendações aplicáveis àqueles que pretendem iniciar na investigação de fenômenos religiosos de natureza quantitativa como crescimento de igrejas, influências religiosas na sociedade, aceitação, etc.

2. FALANDO SOBRE MENSURAÇÃO

Os métodos quantitativos estão presentes em quase todas as rotinas e atividades do cotidiano e sua natureza é indissociavelmente vinculado ao ato de mensurar.

Mensurar, ou medir, é um procedimento usual, realizado por todas as pessoas nas mais diversas situações da vida. Por exemplo, rotineiramente medimos nosso peso para conferir a necessidade de emagrecer ou de engordar, medimos mentalmente distâncias para onde temos que nos mover, medimos gotas de um remédio para nossos problemas de saúde, etc. (COSTA, 2011, p. 5)

A pesquisa quantitativa é, em princípio, qualquer coisa que envolva classificação ou medição (COSTA, 2011), mesmo quando classificamos cores, separamos objetos, analisamos citações textuais, estamos utilizando métodos quantitativos. No tocante à religião e seus fenômenos associados, podemos observar que uma quantidade considerável das pesquisas realizadas é implicitamente quantitativa, abordando questões sobre a prevalência de práticas religiosas, o crescimento ou declínio dos movimentos religiosos, o tamanho de igrejas, ou, ainda, a intensidade das influências das crenças religiosas. Medir variáveis religiosas nos permite dizer, por exemplo, entender quem é religioso, ou não, e classificá-los dentro de subcategorias, tais como idade, sexo, etnia, estado civil, classe social e assim por

diante. De maneira análoga, é possível analisar de forma mais genérica como e com que intensidade certas características estão presentes em movimentos religiosos ou ações de uma igreja, ou um fenômeno, em particular (ver, por exemplo, QUEIROZ, 2018).

Esse tipo de pesquisa, também, pode ser usado para explorar como religião e religiosidade estão associadas a valores, atitudes e comportamentos, e nos permite testar teorias sobre as causas e consequências do envolvimento espiritual/religioso. Alguns exemplos de temas de associação são: espiritualidade e recuperação de dependência química (YETERIAN; BURSİK; KELLY, 2018); espiritualidade no ambiente de trabalho (CANEIRO; SERAFIM; TEZZA, 2018); saúde mental e recuperação pós-traumática e suas relações com a religião (CAPTARI et al, 2018); ecologia e religiosidade (REUTER et al, 2018), dentre muitos outros que podem ser estudados como fenômenos em que a religião exerce, ou sofre, algum tipo de influência.

Quando falamos em mensurar, ou medir, o senso comum nos direciona a pensar nos construtos diretos, ou seja, naquelas aferições de tamanho, peso, temperatura, etc., mas dificilmente alguém imagina que seja possível mensurar construtos latentes, tais como felicidade, religiosidade, comportamentos, motivação, reação a estímulos dentre outros fatores de natureza social subjetiva. Entretanto, não são poucas as pesquisas que realizam mensurações de construtos latentes, utilizando métodos positivistas e objetivando tais questões em ciências como marketing, administração, psicologia, sociologia (GREVE, 2013, BASSOUS, 2015; DAVIS et al, 2016; DINIZULU, 2017; RODRIGUEZ, ETENGOFF, VAUGHAN, 2017).

3. ENTENDENDO OS PARÂMETROS

Vamos começar com um exemplo: o crescimento da diversidade religiosa no Brasil foi um dos principais resultados, no que tange as ciências da religião e à teologia, no Censo Demográfico 2010, realizado pelo IBGE, os dados mostram o crescimento de diversas representações religiosas no Brasil. Além do crescimento da diversidade religiosa, o censo mostrou que, embora a população brasileira continue sendo majoritariamente católica, a proporção de católicos no país está em decréscimo conforme observado nas duas últimas décadas. Por outro lado, a

população evangélica mantém a sua tendência de crescimento, passando de 15,4% em 2000 para 22,2% em 2010. Os pentecostais têm a maior representatividade entre os evangélicos, 60%; os chamados evangélicos de missão eram, naquele ano, 18,5% e havia 21,8% de evangélicos não determinados. Os dados do IBGE indicam, também, o aumento, em um ritmo menor do que das duas décadas anteriores, do número de espíritas e, principalmente, dos que se declaram sem religião. O crescimento de espíritas e do grupo dos sem religião também foi menor do que o crescimento do conjunto pertencente à outras religiosidades. No que tange às variáveis demográficas da população em cruzamento com a compreensão das religiões, os dados de cor, sexo, faixa etária e grau de instrução revelam que os católicos romanos e o grupo dos sem religião são predominantemente formados por pessoas do sexo masculino. Os espíritas apresentaram os mais elevados indicadores de educação e rendimentos. (IBGE: 2010).

A mensuração através de dados quantitativos é algo que pode ser muito caro, por isso, nem sempre é possível fazer uma pesquisa envolvendo todo o grupo que queremos pesquisa. Uma pesquisa nacional, como o censo, é realizada apenas uma vez a cada década. Assim, as pesquisas quantitativas, em sua maioria, são realizadas por meio de amostras, isto é, da extração de partes estatisticamente significantes da população. Nesse sentido, além de descrever a população por completo, os dados censitários também podem servir como indicadores úteis referenciar pesquisas amostrais. Assim, por exemplo, se alguém quer saber como as religiões influenciam uma determinada variável quantitativa, deve tomar uma amostra considerando as proporções dessas religiões apresentadas no censo. Isso chama-se parametrizar. A parametrização serve para indicar que a amostra segue os mesmos padrões da população investigada e, por esta razão, é digna de confiança.

Logo, sempre que houver disponibilidade de dados oriundos de uma pesquisa censitária, é bastante útil que eles sirvam de referência para investigar fenômenos mais estritos. No caso da religião, dados quantitativos podem nos dar, por exemplo, informações preciosas sobre estratégias para o desenvolvimento da igreja local, da religião em sua totalidade, ou podem gerar dúvidas mais particulares e abrir caminhos para a necessidade de

investigações (pesquisas) sobre inúmeros aspectos envolvendo a religião, a igreja ou fenômenos associados. Mas, temos que ter cuidados muito específicos na forma como coletamos, interpretamos e aplicamos os dados de pesquisas quantitativas. Os números, em si, não mentem, mas estão, também, sujeitos a erros de manipulação, de interpretação e, também, de falseamentos. No entanto, uma pesquisa quantitativa bem conduzida pode surpreender até os próprios pesquisadores, apresentando realidades e perspectivas diferentes daquelas que estavam sendo esperadas.

No caso do nosso exemplo, duas reações foram observadas: a primeira foi no campo das tomadas de decisão, os bispos da Igreja Católica, reconhecendo o valor dos dados do IBGE, reuniram-se rapidamente para analisar os dados e modificar suas ações pastorais juntos à sociedade. Um dos resultados foi a belíssima campanha *Católico: volte para casa*, lançada em 2013. Nesse caso, a pesquisa não estava sujeita a qualquer tipo de interpretação, o catolicismo está, inegavelmente, em tendência de queda no Brasil. Dados quantitativos têm a capacidade de mostrar os fatos como realmente são. Se a campanha deu certo, ou não, só teremos certeza no próximo censo. A segunda observação é que

VOCABULÁRIO NECESSÁRIO PARA O MOMENTO

Dados descritivos

são aqueles que, como o nome já nos diz, criam algum perfil, quantificam ou classificam fenômenos e coisas. Por exemplo, quando afirmamos que a nossa igreja possui 70% de mulheres e 30% de homens, estamos fazendo uma descrição geral da população da igreja.

Dados inferenciais

são aqueles produzidos por cálculos a partir de certa tendência demonstrada pelos números. Por exemplo, se o decréscimo da religião católica e o crescimento da religião evangélica se mantiverem no mesmo ritmo, em 30 anos teremos um país igualmente dividido entre católicos e evangélicos.

inúmeros artigos científicos e pesquisas de vários tipos (tanto quantitativas, quanto qualitativas) foram realizados a partir desses dados, tentando detalhar informações e elucidar problemas de ordem mais específica.

Mas, o mais importante para nós, é que quando estamos de posse de dados censitários, podemos melhorar a qualidade das nossas pesquisas. Por exemplo, se nós fôssemos pesquisar se as diferentes práticas de religiosidade interferem, ou não, na culpabilidade por acidentes de trânsito, nossa amostra deveria ser composta de acordo com os parâmetros do IBGE, ou seja, 22,2% de evangélicos; 64,6% de católicos; 13,2% de outros grupos. Ou poderíamos detalhar melhor, inserindo percentuais de evangélicos, neo-pentecostais, católicos, católicos carismáticos, espíritas, religiões de matriz africana e sem religião. Enfim, quem determina isso é o pesquisador, baseado no nível de detalhamento que ele quer oferecer à sua pesquisa.

Teste de hipótese

é o nome dado às técnicas

estatísticas que nos permitem verificar a probabilidade de algum fenômeno ocorrer ou de alguma característica estar, ou não, associada a um grupo populacional. Por exemplo, podemos verificar se o engajamento religioso modifica, e em que intensidade, os hábitos de consumo de bebidas alcóolicas.

População

é o conjunto de todos os elementos que pertencem ao grupo que está sendo estudado. Por exemplo, a população de uma igreja é a totalidade dos seus membros, congregados e visitantes.

Amostra

é uma parte da população extraída com o uso de técnicas de coleta de dados de maneira que possam representar, com certo nível de segurança, a população completa.

4. POR QUE DADOS QUANTITATIVOS SÃO APROPRIADOS E IMPORTANTES PARA O ESTUDO DA RELIGIÃO E DOS FENÔMENOS ASSOCIADOS?

Em geral, os métodos quantitativos têm a vantagem de permitir descrições de grandes grupos e de realizar testes de hipóteses relativamente precisos. Eles também são menos vulneráveis do que os métodos qualitativos ao viés teórico dos dados (BRINK, 1995; RIBEIRO, 2018; LAI; HO; CHUNG, 2018). No entanto, há objeções ao estudo da religião usando dados quantitativos. Três dos mais comuns são: 1) que a religião é complexa demais para ser classificada e medida; 2) que os métodos quantitativos são simplificadores e empiristas demais para serem usados dentro de uma estrutura epistemológica não-positivista; e, 3) que a religiosidade é muito dependente do contexto e sensível ao erro de medição para ser quantificada de forma confiável. É preciso tratar cada uma destas objeções antes de dar continuidade ao nosso argumento sobre os métodos quantitativos e suas contribuições para o estudo da religião (STORM, 2010).

A primeira dessas objeções é respondida por Storm (2010) sob o argumento de que o esforço para classificar e medir obriga os pesquisadores a serem claros e abertos às críticas. Embora a complexidade da religião e dos fenômenos a ela associados seja uma realidade inegável, isso torna ainda mais importante que os pesquisadores estejam cientes sobre quais são os aspectos da religião que são aderentes às suas análises de que forma podem ser associados a uma população.

Algumas questões são, por natureza, mais adequadas à análise por meio de métodos quantitativos, ou, podemos também afirmar, só podem ser avaliadas corretamente por meio de métodos quantitativos. Por exemplo, Situmorang (2018) avalia o impacto da religião e da religiosidade (tratando essas duas entidades como distintas embora presas pela mesma raiz original) nas estratégias de ensino/aprendizagem de um grupo de adolescentes. Ao fazer distinção entre os adolescentes influenciados pela fé e aqueles que são influenciados pela religião, a autora do trabalho está testando a hipótese de que existem diferenças entre os grupos estudados e que essas diferenças são explicadas pela ação da religião ou da religiosidade no comportamento dos adolescentes. Esse é um típico caso de uso

necessário de métodos quantitativos. Outro claro de pesquisa cuja natureza é necessariamente quantitativo é o trabalho de Mietzner e Muhtadi (2018), eles investigaram as causas de um conjunto de manifestações islâmicas ocorridas na Indonésia em 2016, os debates acadêmicos qualitativos levantaram algumas dúvidas sobre o problema: alguns estudiosos argumentaram que o aumento da intolerância e conservadorismo entre a população muçulmana é responsável pelas manifestações, enquanto outros têm contestado tais noções, alegando que não há evidência de amplo apoio a uma agenda islâmica. Mietzner e Muhtadi (2018) transformaram essas dúvidas em hipóteses de pesquisa e, aplicando uma técnica de regressão em séries temporais sobre um conjunto de dados, chegaram não apenas a uma resposta para o problema, mas, também, descreveram as mudanças no perfil da população islâmica daquele país. Storm (2010) evidencia que fenômenos como o alegado crescimento na espiritualidade alternativa (neopentecostalíssimo e religiões animistas ou de matriz africana), a aparente força das congregações evangélicas ou carismáticas, a relativa religiosidade das mulheres, e assim por diante, são questões impossíveis de serem respondidas sem quantificação e medição de algum tipo. Em suma, afirma Storm (2010) questões quantitativamente estruturadas exigem respostas quantitativas geradas por métodos quantitativos. Conquanto a pesquisa qualitativa possa contribuir para o conhecimento sobre essas hipóteses, como nos dois exemplos acima, fornecendo uma compreensão mais rica dos mecanismos de crescimento de um movimento religioso, elas não podem, por si só, por exemplo, testar se o crescimento está ocorrendo.

Obviamente, é necessário considerar que, embora os métodos quantitativos sejam, em certas circunstâncias, os mais apropriados para responder a uma pergunta de pesquisa e, em geral, menos dependentes da personalidade do pesquisador, esses métodos são exatamente como em qualquer outro método, sensíveis à influência das escolhas dos pesquisadores sobre o que analisar e como analisar. Swatos (1977) ensina que a quantificação não tem magia especial porque não é, em si mesma, uma pesquisa 'sem viés'. Ou seja, é necessário, como em qualquer outro tipo de investigação científica, que o pesquisador esteja preocupado com o rigor científico próprio da metodologia utilizada e, principalmente, atento aos possíveis equívocos de coleta e tratamento de dados. Por outro lado, os métodos quantitativos

têm a vantagem de possibilitar a um bom pesquisador a busca honesta do objetivo do rigor e o detalhamento do uso de métodos para que a pesquisa possa ser replicada, testada e criticada por outros pesquisadores da comunidade científica (STORM, 2010).

5. PERSPECTIVAS EPISTEMOLÓGICAS E METODOLÓGICAS

A segunda questão levantada no trabalho de Storm (2010) é que os métodos quantitativos são simplificadoros e empiristas demais para serem usados dentro de uma estrutura epistemológica não-positivista. A ideia de que métodos quantitativos só podem ser utilizados em uma perspectiva positivista é um mito ainda bastante influente, mas, como todo mito, não tem amparo na metodologia científica. Se esse fosse o caso, toda pesquisa quantitativa sobre religião estaria comprometida, mas felizmente não é assim. O estudo quantitativo da religião é conduzido a partir de uma série de perspectivas epistemológicas que vão do positivismo ao construtivismo.

Observemos, então, que, de alguma maneira, a maior parte da pesquisa acadêmica se baseia em uma crença ontológica básica, uma espécie de dogma (DOOYEWEERD, 2010); e esse dogma, enseja em assumir que existe uma realidade observável externa ao pesquisador (RAMOS, 2013), e o estudo quantitativo da religião não é uma exceção. A abordagem rotulada de realismo crítico (BHASKAR, 1997) é possivelmente a mais comum na pesquisa quantitativa sobre religião (STORM, 2010). Esse tipo de abordagem sustenta que existe uma realidade externa, e que o conhecimento sobre ela pode ser aproximado através da pesquisa, enquanto ao mesmo tempo rejeita a falácia epistêmica de que a realidade pode ser reduzida a suas representações observáveis (DANERMARK *et al*, 2002, 39). Mas, fundamentalmente, supõe-se como um pesquisador da religião, ou de quaisquer outras experiências humanas, conceitos e abstrações, que a realidade não pode ser reduzida à matéria ou à mentalidade (RUSSELL, 1976).

De acordo com a filosofia russelliana, toda experiência depende de uma relação entre matéria física e mente consciente, tornando, portanto, as experiências físicas, mental, emocional, espiritual um conjunto amplo, e necessário, para a compreensão dos fenômenos. Desta forma, devemos entender que nem o observável (p. e. quantas pessoas participaram do culto no último

domingo?), nem o puramente mental (essas pessoas acreditam na existência de Deus?), seriam separadamente são capazes de explicar o fenômeno religioso por completo. No entanto, essas duas perguntas podem ser quantificáveis para a população estudada com a finalidade de explicar algumas características do fenômeno religioso em si.

Do ponto de vista da experiência completa, devemos considerar a relação experiencial que as pessoas na Igreja têm umas com as outras (STETZER; QUEIROZ, 2017), com os símbolos e imagens observáveis que encontram na igreja (RENDERS, 2009) e com a divindade não observável que estão adorando. As religiões são tanto experiências sociais, quanto experiências de esfera privada, portanto, vividas na subjetividade. Esse fato não torna o objeto de estudo menos real. Pelo contrário, é mister reconhecer que o fenômeno religioso é moldado por uma combinação de linguagem, tradição cultural, objetos físicos (tais como templos, imagens, relíquias, vestes, etc.), fatores ambientais, traços genéticos, práticas corporais e mentalidades individuais, dentre outras características. Contudo, a religião é absolutamente irreduzível a qualquer um destes elementos que a compõem, ou seja, ela é o todo dessa experiência. No entanto, a ênfase deles pode afetar a maneira como se observa e mede, e, mais importante, como se analisa, pois, a consciência da forma como se estuda a religião e seus fenômenos associados é crucial. É, naturalmente, um desafio para o pesquisador manter tudo em mente ao mesmo tempo, mas é um desafio que pode ser melhor enfrentado pela abertura interdisciplinar a diferentes métodos e tradições acadêmicas.

O design da pesquisa, ou seja, a forma que a pesquisa vai tomar depende das decisões sobre o uso de métodos quantitativos, qualitativos ou ambos, e estes métodos não estão necessariamente sujeitos à compreensão epistemológica, mas sim ao tipo de questões que se pretende responder ou ao grau de generalização que se deseja obter (BHASKAR, 1997; HAIR, 2009; COSTA, 2011). Apesar de certa tradição nesse sentido e da existência de uma espécie de senso comum entre pesquisadores, não há relação necessária entre um paradigma realista e um método quantitativo empirista (BAZELEY, 2002: 4; CRESWELL; TASHAKKORI, 2007: 304; HAIR, 2009), nem entre uma abordagem construtivista social e métodos qualitativos.

Storm (2010) defende que mesmo que os pesquisadores construtivistas estejam mais interessados na co-construção de conhecimento entre pesquisador e pesquisado do que com o conhecimento em si, ainda, assim, esse processo de mútua assimilação de conhecimento pode ser realizado através de métodos quantitativos. O projeto de uma pesquisa, seja quanti ou qualitativa, precisa ser muito bem estudado a fim de garantir a sua validade. Mas, o fato é que o processo de construção do conhecimento é constantemente revisado por especialistas e isso inclui de maneira muito vasta os métodos quantitativos (ALUJA *et al*, 2007; KONGSVED *et al*, 2007, CAMPOS *et al*, 2011). Um exemplo mais concreto é o trabalho de Carvalho, Costa e Souza (2015) que verifica se os resultados de pesquisas são afetados pela plataforma em que os questionários são apresentados ao respondente, no caso foi medido se havia variações na validade, na confiabilidade e na estrutura fatorial de dados coletados em uma plataforma online e em uma plataforma impressa. Outro exemplo é o trabalho de Derham (2011) que analisou se o tipo de escala pode afetar o resultado da pesquisa.

Esse tipo de aplicações e análises sobre o valor do conhecimento produzido em ciências sociais e ciências da religião por meio de métodos quantitativos é bastante antigo. O trabalho de Glik (1990) é bastante interessante, ela usa uma combinação de dados obtidos por meio de pesquisa quantitativa e, conjuntamente, entrevistas qualitativas para argumentar que os processos de cura espiritual são eventos socialmente construídos. Por mais que a natureza da religião seja altamente subjetiva e esteja profundamente mergulhada em processos de identificações particulares, em questões de representações imagéticas, e crenças e atitudes pessoais, o trabalho de Glik (1990) não poderia prescindir de métodos quantitativos para responder o seu problema de pesquisa.

Quando questões de representatividade e generalização estão em jogo, uma abordagem quantitativa pode ser mais apropriada (AGRESTI; FINLAY, 2012; BUSSAB, MORETTIN, 2017). Mesmo alguns tipos de pesquisas qualitativas, como, por exemplo, análise de conteúdo, são baseados em contagens e cálculos (FREANCO, 2018). Assim, pesquisadores estritamente qualitativos podem querer usar métodos quantitativos como um complemento à sua pesquisa, por exemplo, como informações básicas para avaliar a representatividade dos resultados (BARDIN, 2011).

De maneira mais rígida, Flick (1992) defende que o método misto deve ser empregado não como uma estratégia de validação, mas como um meio de obter acesso a diferentes versões do fenômeno que é estudado, assegurando ao mesmo tempo que os métodos e os critérios são apropriados ao assunto (FLICK, 1992). O problema é que o uso de metodologias diferentes pode dificultar a comparabilidade direta dos dados, assim, é preferível que os métodos mistos sejam utilizados para alcançar a complementaridade e contextualização do objeto de pesquisa, em vez de corroborar resultados (BAZELEY, 2002; STORM, 2011). Através da abordagem da intersubjetividade (MORGAN, 2007), o pesquisador quantitativo pode trabalhar através de múltiplos métodos e alcançar entendimento amplo sobre diferentes quadros de referência. Isso pode ser particularmente útil em estudos nos quais a experiência interna dos indivíduos é entendida em referência ao ambiente social mais amplo, como demonstra o estudo Smith (2005) sobre a religiosidade dos adolescentes norte-americanos.

A complementariedade, bem como a contextualização, são características bastante claras nos estudos de Smith (2005) que analisou os resultados de pesquisas quantitativas em grande escala para apresentar uma visão geral sobre a paisagem religiosa dos adolescentes na América. Mas, como complemento, usou entrevistas pessoais como uma sub amostra, a fim de explorar a complexidade e as contradições nas crenças, valores e identidades religiosas dos indivíduos. O estudo de Brown's (2001) intitulado *A morte da Grã-Bretanha Cristã* é um exemplo mais antigo de como um estudo histórico que se baseia em uma combinação de análise qualitativa textual e dados quantitativos de várias fontes pode explicar os processos causais na secularização da Grã-Bretanha. Abordagens dessa natureza são facilmente enquadradas como pragmáticas, elas permitem que a questão de pesquisa guie a metodologia e, simultaneamente, reconhecem as limitações para comparar resultados obtidos por diferentes métodos.

6. RISCOS E LIMITAÇÕES NO USO DE MÉTODOS QUANTITATIVOS

Pesquisas do tipo *survey* (realizadas por meio de questionários quantitativos), normalmente, representam um estado momentâneo do fenômeno estudado (BUSSAB; MORETTIN, 2017). Esse tipo de dados representa uma espécie de fotografia do

momento. Veja o exemplo de pesquisas eleitorais, quando anunciadas na TV, os jornalistas são instruídos a afirmar “se as eleições fossem hoje...”, esse tipo de afirmação é motivada pelo fato de que os resultados daquela pesquisa estão sujeitos à variações no tempo. Mas, isso, obviamente, diz respeito à natureza da pesquisa e não ao método, isto é, as opiniões das pessoas podem mudar drasticamente durante uma campanha eleitoral.

Essa é a terceira objeção apresentada por Storm (2010) que a religiosidade é muito dependente do contexto e sensível ao erro de medição para ser quantificada de forma confiável. O problema da mensuração e confiabilidade está bastante presente nos estudos quantitativos da religião. Em ritmo diferente de uma eleição, as opiniões e posições religiosas dos indivíduos também estão sujeitas a sofrer mudanças. Por isso, a aplicação de pesquisas survey sobre os diversos aspectos da religião parece ser particularmente sensível ao contexto que nesse caso varia no espaço e no tempo.

Um exemplo da interferência contextual pode ser observado no trabalho de Storm (2010) que mostra que na Inglaterra e no País de Gales uma inquirição aparentemente simples como: “identifique sua religião” pode ter resultados surpreendentemente diferentes dependendo das palavras e dos contextos exatos em que a pesquisa foi aplicada. A **Tabela 1** ilustra isso, mostrando a ingente diferença entre duas pesquisas nacionais sobre a questão da religião, o Censo de 2001 na Inglaterra e no País de Gales em comparação com a Pesquisa de Atitudes Sociais (PAS) britânicas do mesmo ano, realizadas com a mesma população, porém com métodos de coleta de dados diferentes:

Tabela 1: Afiliação religiosa na Inglaterra e no País de Gales

	Censo	PAS
Cristãos	71,7	54,2
Não cristãos	5,7	4,7
Sem religião	14,8	40,5
Não responderam	7,7	0,6

Fonte: Adaptado de Storm (2010).

Perceba o quão diferentes são os resultados, embora a ordinalmente os resultados sejam congruentes, a diferença entre eles é muito grande. Segundo a autora, a diferença entre a formulação da pergunta era que, no Censo, para reduzir a duração do questionário, os entrevistados simplesmente perguntavam "Qual é a sua religião?". Com opções de caixa de seleção que listavam um rol de religiões. Na PAS, a pergunta foi feita em duas etapas, primeiramente o respondente era inquerido se ele pertencia, ou não, a uma religião, apenas em caso afirmativo, a segunda pergunta era feita para identificar qual seria essa religião. Temos aí o primeiro problema de mensuração de dados da ciência da religião, o design da pesquisa. A forma como a pergunta é elaborada pode modificar os resultados de qualquer tipo de pesquisa, mas já que as pesquisas quantitativas, normalmente, se destinam a grandes grupos o erro tem maior efeito. Por isso, é importante realizar vários testes com o instrumento de pesquisa antes de aplicar ao público desejado (COSTA, 2011).

Uma diferença adicional entre as duas pesquisas é que, na grande maioria dos casos, o chefe do agregado familiar é o responsável pelo preenchimento do Censo, sendo, normalmente, a pessoa mais velha da família, tem tendências a ser mais religioso e a responder como se os demais também seguissem a mesma religião. O instrumento da PAS era respondido individual e confidencialmente, este fato certamente afeta o resultado do estudo, principalmente, ao ampliar significativamente o número de pessoas que se declaram sem religião (STORM, 2010). Observando agora o censo realizado entre escoceses, ingleses e galeses, Storm (2010) mostra que havia três diferenças importantes entre os censos escocês, inglês e galês. Em primeiro lugar, a questão da religião usada no formulário de recenseamento na Escócia veio antes (e não depois) da questão sobre a etnia, em segundo lugar foi redigida de forma menos convincente e em terceiro lugar também ofereceu categorias de resposta para denominações cristãs específicas. Talvez, como resultado, as pessoas fossem quase duas vezes mais propensas que na Inglaterra a dar sua filiação como "nenhuma".

Como se vê, embora os números não mintam, eles podem ser enganosos quando são mal coletados, ou mal manuseados. Tornando ainda mais importante os cuidados com o design da pesquisa. No caso do exemplo acima, se os censos foram realizados com instrumentos diferentes e em condições tão

claramente destoantes, a comparação entre os números é absolutamente inválida do ponto de vista científico. No caso brasileiro, precisamos, por exemplo, prestar atenção aos efeitos de uma cultura altamente miscigenada e construída sob bases de sincretismo religioso. Não seria estranho que um respondente afirmasse ser católico, mesmo vivendo sob práticas da religião espírita ou de eventuais envolvimento com religiões de matriz africana.

É muito comum, até mesmo esperado, que na teoria desenvolvida pelos teólogos e líderes religiosos, a distinção entre as religiões esteja bastante clara. Ao verificar se essas distinções também são evidentes para os fiéis, nem sempre os resultados são como esperado. Essa é outra vantagem e, ao mesmo tempo, desvantagem da aplicação da pesquisa quantitativa na religião, os construtos bem elaborados podem identificar o engano da teoria, mas quando mal definidos podem deixar passar em branco, questões importantes para a análise da realidade estudada.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A religião tem um repertório de questões que podem/devem ser respondidas por métodos quantitativos, como exemplo, citamos avaliação de crescimento de igrejas, religiões ou movimentos, mas, também, as relações das religiões como temas como saúde, educação, comportamento, consumo, atitudes pessoais, dentre muitos outros. Mas, vimos, também, que, assim como pesquisadores qualitativos, aqueles que optam pelos métodos quantitativos precisam ser rigorosos no desenho da sua pesquisa e devem, também, submeter seus instrumentos a testes, igualmente rigorosos, antes de coloca-los em ação junto ao público alvo da pesquisa.

Nesse último tópico do presente trabalho, queremos oferecer algumas recomendações para os pesquisadores da religião que desejam usar dados quantitativos pela primeira vez. Primeiramente, é necessário ter conhecimento das possibilidades de fontes de dados quantitativos. Muitos estudos científicos são baseados em pesquisas nacionais, como as do IBGE ou de grandes institutos de pesquisa como as fundações Carlos Chagas ou Getúlio Vargas. Essas entidades, normalmente, alcançam grandes massas populacionais e alta representatividade junto aos públicos

estudados. Mas, existem muitas outras fontes de dados quantitativos sobre religião, como registros administrativos (de igrejas, cartórios, associações religiosas, etc.), assim como estatísticas comerciais que podem dizer muito sobre o comportamento de determinadas regiões, populações ou época (por exemplo, vendas de livros, DVDs, bilheterias de shows e eventos religiosos, etc.).

De maneira mais técnica, é, também, possível utilizar materiais de mídia como discursos, pregações, músicas, peças de teatro ou livros e artigos para se fazer análise de conteúdos, identificar repetições de expressões, contar a presença de elementos importantes em um determinado discurso. Enfim, é possível mensurar, com maior ou menor grau de dificuldade, os eventos que se repetem formando um determinado fenômeno religioso que carece de investigação científica. Desta forma, podemos, por exemplo, verificar quantas vezes os termos relacionados à prosperidade são repetidos em um discurso neopentecostal, ou quantas vezes um pastor conservador utiliza expressões relacionadas aos usos e costumes de uma igreja, para identificar a intensidade desses elementos na teologia da igreja.

Os dados podem ser chamados de primários ou secundários, dependendo de quem e como os coletados. Aqueles dados coletados pelo próprio pesquisador são chamados de dados primários. Os dados primários oferecem como principal vantagem o fato de que o pesquisador pode fazer suas próprias perguntas de pesquisa, local de pesquisa e amostragem sob medida para atender os problemas específicos de sua pesquisa. Por outro lado, pesquisas quantitativas, às vezes, são demoradas e potencialmente caras dependendo do tamanho que ela pode carecer para se tornar representativa na população estudada. Ultimamente, graças as redes sociais e aos recursos de informática, esses problemas têm sido minimizados. A vantagem das pesquisas com a análise quantitativa de dados secundários é a disponibilidade imediata, e a alta qualidade desses dados, normalmente, coletados com grande domínio das técnicas de amostragem estatística.

Por fim, a decisão sobre o uso de dados primários ou secundário, assim como a decisão pela utilização de métodos quantitativos, qualitativos ou mistos não é uma mera questão de preferência por parte do pesquisador. Longe disso, as escolhas

acerca de métodos e de tipos de dados a serem utilizados em investigações científicas devem ser fruto de uma reflexão sobre a natureza da questão problema e dos objetivos da pesquisa. Por esta razão, nos ocupamos em responder às três grandes objeções acerca do uso dos métodos quantitativos em religião, chegando à conclusão de que não apenas é possível, mas, em muitas ocasiões, necessário que a religião, assim como os seus fenômenos associados, seja estudada a partir desse tipo de método.

REFERÊNCIAS

- AGRESTI, A.; FINLAY, B. **Métodos estatísticos para ciências sociais**. 4a ed. Porto Alegre: Penso, 2012.
- ALUJA, A.; ROSSITER, J.; ZUCKERMAN, M. **Equivalence of paper and pencil vs. Internet forms of the ZKPQ-50-CC in Spanish and French samples**. *Personality and Individual Differences*, v. 43, n. 8, p. 2022-2032, 2007.
- ANTUNES, R. R.; SILVA, A. P.; OLIVEIRA, J. **Escala de bem-estar global: análise das suas características psicométricas**, *Journal of Health Research*, v. 1, n. 1, p. 52-62, 2018.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. Edição revista e ampliada. Lisboa: Ed. 70, 2011.
- BARRETT, J.B.; PEARSON, J.; MULLER, C.; FRANK, K.A. Adolescent Religiosity and School Contexts. *Social Science Quarterly*, v. 88: 1024-1037, 2008.
- BASSOUS, M. What are the Factors that Affect Worker Motivation in Faith-Based Nonprofit Organizations? **VOLUNTAS: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations**, v. 26, n. 1, p. 355-381, 2015.
- BAZELEY, P. Issues in Mixing Qualitative and Quantitative Approaches to Research. **1st International Conference - Qualitative Research in Marketing and Management**. University of Economics and Business Administration, Vienna: Research Support Pty. Limited, 2002.
- BHASKAR, R. **A Realist Theory of Science**. London: Verso, 1997.
- BRINK, T.L. Quantitative and/or qualitative methods in the scientific

- study of religion. **Zygon**, v. 30, p. 461–475, 1995.
- BROWN, C. **The Death of Christian Britain**. London: Routledge, 2001.
- BUSSAB, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística Básica**. 9ª ed. São Paulo: Saraiva, 2017.
- CAMPOS, J. A. D. B.; ZUCOLOTO, M. L.; BONAFÉ, F. S. S.; JORDANI, P. C.; MAROCO, J. Reliability and validity of self-reported burnout in college students: a cross randomized comparison of paper-and-pencil versus on-line administration. **Computers in Human Behavior**, v. 27, n. 5, p. 1875-1883, 2011.
- CAPTARI, L. E.; HOOK, J. N.; MOSHER, D. K.; BOAN, D.; ATEN, J. D.; DAVIS, E. B.; DAVIS, D. E.; VAN TONGEREN, D. R. Negative Religious Coping and Burnout Among National Humanitarian Aid Workers Following Typhoon Haiyan. **Journal of Psychology & Christianity**, v. 37, n. 1, p. 28-42, 2018.
- CARNEIRO, L. C.; SERAFIM, M. C.; TEZZA, R. Uma análise bibliométrica da relação entre ética e espiritualidade/religiosidade nas organizações. **Revista Interdisciplinar de Gestão Social**, v. 7, n. 2, p. 143-166, 2018.
- CARVALHO, D. L. T.; COSTA, F. J.; SOUZA, J. J. B. Variações de Mensuração e Resultado em Pesquisas com Coleta de Dados por Questionário On-line e Impresso. **PMKT-Revista Brasileira de Pesquisas de Marketing, Opinião e Mídia**, v. 17, p. 66-85, 2015.
- COSTA, A. C.; RODRIGUES, S.; CANAVARRO, M. C.; FONSECA, A. Adaptação da Escala de Crenças Disfuncionais face à Maternidade para a população portuguesa: Estudos psicométricos. **Análise Psicológica**, v. 36, n 2, p. 247-260, 2018.
- COSTA, F. J. **Mensuração e desenvolvimento de escalas**. Ed. Ciência Moderna, Rio de Janeiro, 2011.
- CRESWELL, J.W., TASHAKKORI, A. Editorial: Differing Perspectives on Mixed Methods Research. **Journal of Mixed Methods Research**, v. 1, p. 303-308, 2007.

- DANERMARK, B., EKSTROM, M., JAKOBSEN, L., KARLSSON, J.C. Explaining Society: Critical realism in the social sciences. London: Routledge, 2002.
- DAVIS, E. B.; CUTHBERT, A. D.; HAYS, L. W.; ATEN, J. D.; VAN TONGEREN, D. R.; HOOK, J. N.; DAVIS, D. E.; BOAN, D. Using qualitative and mixed method to study relational spiritual. **Psychology of Religion and Spirituality**, v. 8, n. 2, p. 92-98, 2016.
- DINIZULU, S. M. University and Faith-Based Collaboration to Build Resilience for African American Youth Exposed to Community Violence. **Journal of the American Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 56, n. 10, Supplement, Page S29, 2017.
- DORLING, D.; THOMAS, B. **People and places: a 2001 census atlas of the UK**. Bristol: The Policy Press, 2004.
- DOOYEWEERD, H. **No crepúsculo do pensamento**. Estudos sobre a pretensa autonomia do pensamento filosófico. São Paulo: Editora Hagnos, 2010.
- FIELD, A. Discovering Statistics Using SPSS. London: Sage, 2005.
- FLICK, U. Triangulation Revisited: Strategy of Validation or Alternative? **Journal for the Theory of Social Behaviour**, v. 22, n. 12, p. 169-197, 1992.
- FREANCO, M. L. P. B. **Análise de Conteúdo** – Volume 6. 1ª ed. Série Pesquisas. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.
- GLOCK, C. Y. The religious revival in America?, *In Religion and the Face of America* (Ed, Zahn, J.) University of California Press., Berkeley, p. 25-42, 1959.
- GLIK, D.C. The redefinition of the situation: the social construction of spiritual healing experiences. *Sociology of Health & Illness*, v. 12, p. 151-168, 1990.
- GREVE, B. **Felicidade**. 1ª ed. São Paulo: Editora Unesp, 2013.
- KONGSVED, S. M.; BASNOV, M.; HOLM-CHRISTENSEN, K.; HJOLLUND, N. H. Response rate and completeness of questionnaires: a randomized study of internet versus paper-and-pencil versions. **Journal of Medical Internet Research**, v. 9, n. 3, 2007.

- LAI, Y. H.; HO, C. I.; CHUNG, J. C. The reason why the people use Instagram: quantitative vs. qualitative approach. *In, Proceedings of the global conference on business, hospitality, and tourism research*. Vol. 1. University of South Florida: Anahei Publishing, 2018.
- LENSKI, G. **The Religious Factor: A Sociological Study of Religion's Impact on Politics, Economics, and Family Life.**, Doubleday, Garden City, NY, 1961.
- MAGALHÃES, M. O. **Propriedades psicométricas da versão brasileira da escala de comprometimento com a carreira. Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 33, n. 2, p. 304-317, 2013.
- MIETZNER, M.; MUHTADI, B. Explaining the 2016 Islamist mobilization in Indonesia: Religious intolerance, militant groups and the politics of accommodation. **Asian Studies Review**, v. 42, n. 3, p. 479-497, 2018.
- MONIZ, J. B. As teorias da secularização e da individuação em análise comparada. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, p. 3-33, 2017.
- MORGAN, D.L. Paradigms Lost and Pragmatism Regained: Methodological Implications of Combining Qualitative and Quantitative Methods. **Journal of Mixed Methods Research**, v. 1, p. 48-76, 2007.
- NARDI, P. M. Doing survey research. **A guide to quantitative methods**. 4ª ed. Taylor & Francis Group: New York, 2018.
- NEWMAN, W.M.; HALVORSON, P.L. American Jews: Patterns of Geographic Distribution and Change, 1952-1971. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 18, p. 183-193, 1979.
- PAIXÃO, G. P.; CAVALCANTE, R. P.; PAIXÃO, M. V. S. A religião na formação social de jovens no município de Santa Teresa-ES. **Estudos de Religião**, v. 32, n. 3, p. 5-26, 2018.
- PATTEN, M. L.; NEWHART, M. **Understanding research methods**. 10ª Ed. Taylor & Francis Group: New York, 2017.

- RAMOS, M. P. Métodos quantitativos e pesquisa em ciências sociais: lógica e utilidade do uso da quantificação nas explicações dos fenômenos sociais. **Mediações: revista de ciências sociais**, v. 18, n. 1, p. 55-65, 2013.
- REUTER, K. E.; CLARKE, T. A.; LAFLEUR, M.; RATSIMBAZAFY J.; HOLINIAINA, K. F.; RODRIGUEZ, L.; SCHAEFFER, T.; SCHAEFER, M. S. Exploring the Role of Wealth and Religion on the Ownership of Captive Lemurs in Madagascar Using Qualitative and Quantitative Data. **Folia Primatologica**, v. 89, p. 81-96, 2018.
- RENDERS, H. Deus, o ser humano e o mundo nas linguagens imagéticas da religião do coração: códigos e projetos. **Revista Pistis & Praxis**, v. 1. n. 2, p. 373-413, 2009.
- RODRIGUEZ, E. M.; ETENGOFF, C.; VAUGHAN, M. D. A quantitative examination of identity integration in gay, lesbian, and bisexual people of faith, **Journal of Homosexuality**, v. 66, n. 1, 2017.
- ROWATT, W.C.; KIRKPATRICK, L.A. Two Dimensions of Attachment to God and Their Relation to Affect, Religiosity, and Personality Constructs. **Journal for the Scientific Study of Religion**, n. 41, 2002.
- RUSSELL, B. **A análise da mente**: São Paulo: Editora Zahara, 1976.
- RUSSELL, B. Halfway to Heaven: Four Types of Fuzzy Fidelity in Europe. **Journal for the Scientific Study of Religion**, v. 48, n.1, p. 702 -718, 2009.
- SITUMORANG, S. S. D. Experiences learning strategy for the development of religious teen. **Journal of Islamic Studies in Indonesia and Southeast Asian**, v. 3, n, 2, p.145-160, 2018.
- STETZER, E.; QUEIROZ, S. **Igrejas que transformam o Brasil**. São Paulo: Editora Mundo Cristão, 2017.
- STORM, I. **Researching religion using quantitative methods**. Disponível em: <https://www.kent.ac.uk/religionmethods/documents/Researching%20religion%20using%20quantitative%20data.pdf>. 2010. Acessado em 20 de abril de 2019.
- SWATOS, W.H. The Comparative Method and the Special Vocation

of the Sociology of Religion. **Sociological Analysis**, v. 38, p. 106-144, 1977.

VAUS, D. A. **Surveys in social research**. London: Routledge, 2002.

VOAS, D. Does religion belong in population studies? **Environment and Planning A**, v. 39, p. 1166 -1180, 2007.

VOAS, D. Varieties of Religious Commitment in Great Britain and Australia, *In* **What the World Believes: The Religion Monitor**. Verlag Bertelsmann Stiftung, pp. 417-436, 2008.

VOAS, D. A.; CROCKETT, A. Religion in Britain: Neither believing nor belonging. **Journal of Sociology**, v. 39, p. 11-28, 2005.

YETERIAN, J. D.; BURSIK, K.; KELLY, J. F. God put weed here for us to smoke: A mixed-methods study of religion and spirituality among adolescents with cannabis use disorders. **Journal of Substance Abuse**, v. 39, n. 4, p. 484-482, 2018.